

FÉ NO MUNDO CORPORATIVO: REFLEXÕES DE UMA PESQUISA COM EXECUTIVOS/AS SEM RELIGIÃO A PARTIR DA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA

JONATHAN FÉLIX DE SOUZA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Introdução

Este artigo busca contribuir com os estudos sobre espiritualidade nas organizações, um tema ainda incipiente nas discussões acadêmicas brasileiras, que apresenta desafios teóricos e metodológicos significativos. Apresentamos aqui resultados parciais de uma pesquisa de doutorado que procura analisar o tema espiritualidade dentro de organizações brasileiras, buscando compreender, na perspectiva da Epistemologia Axiológica (EA), desenvolvida por Marià Corbí, se essa busca está orientada por uma Epistemologia Mítica (EM) ou por uma Epistemologia não mítica (EnM).

Problema de Pesquisa e Objetivo

Para pesquisas robustas sobre espiritualidade, recomenda-se aprofundar a semântica. A linguagem reflete profundamente nosso sistema de valores coletivos. A hipótese da pesquisa é que mesmo que as práticas de espiritualidade apareçam como algo que não tenha vinculação com a religião institucionalizada, as noções de espiritualidade, encontradas nas organizações, podem estar enraizadas em crenças, que possuem um modelo de submissão a uma verdade que é fixa, o que não corresponde ao paradigma das Sociedades de Conhecimento (SC).

Fundamentação Teórica

Com um enfoque metodológico e epistemológico baseado nas contribuições de Marià Corbí. A EA oferece uma perspectiva de análise a partir do paradigma da linguagem sobre a construção de sistemas de valores coletivos. Segundo Corbí, a espiritualidade é central na trajetória humana e, para sua completa compreensão, necessita de uma abordagem desprovida de crenças e religiões, adequando-se à natureza fluida das SC. Para Corbí, os conceitos de qualidade humana e qualidade humana profunda traduzem o que antes era denominado espiritualidade, um dado antropológico que não depende das religiões.

Metodologia

Adotando uma abordagem qualitativa, entrevistas foram realizadas com 12 executivas e executivos da lista das melhores empresas para se trabalhar no Brasil. No processo de análise de dados linguísticos que ocorreu, utilizou-se a análise de similitude para investigar as raízes das palavras. Esse método identificou padrões entre as palavras com base em sua similaridade em termos de raízes e contexto. Por meio dela, compreendeu-se o campo semântico das palavras, esclarecendo a estrutura linguística e proporcionando insights sobre padrões e dinâmicas do grupo.

Análise dos Resultados

Ao analisar a semântica da palavra "fé", buscamos entender valores axiológicos. Esta palavra reflete a essência cultural, direcionando interpretação e ação. Mesmo indivíduos sem religião mostram traços de tradições religiosas. Essa observação ilumina a versatilidade da espiritualidade, abrangendo conceitos desde corpo-mente até transcendência e propósito. Estas percepções permeiam interações diárias nas organizações, moldando emoções e atitudes profissionais.

Conclusão

Analisando a fé de líderes sem religião, exploramos como valores axiológicos moldam nossa visão de mundo. Mesmo afastados da religião, muitos são guiados por estes valores na cultura organizacional. O estudo enfatiza a importância de avaliar a espiritualidade nas empresas, considerando influências culturais e a profundidade dos valores na linguagem. Esse entendimento é crucial para compreender seu efeito no ambiente corporativo.

Referências Bibliográficas

Sobre a espiritualidade nas organizações, destacam-se os estudos de Barreto, Thompson e Feitosa (2010); Silva, Durante e Biscoli (2017); Carneiro, Serafim e Tezza (2018); Martins e Pereira (2009) e Benefiel (2005). Hjelmslev (1975) abordou a teoria da linguagem. Em relação à EA, os trabalhos de Corbí, desde sua tese de 1983 até suas publicações entre 2004 e 2022, são notáveis. Autores que dialogam com essa epistemologia incluem Granés Bayona (2017), Senra e De Souza (2021), e Prat-i-Pubill (2018, 2019), que trouxeram contribuições importantes sobre conhecimento axiológico e gestão.

Palavras Chave

Espiritualidade nas Organizações, Epistemologia Axiológica, Ciência da Religião Aplicada

Agradecimento a órgão de fomento

Gostaria de expressar minha sincera gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo valioso investimento e confiança depositados em nossa pesquisa. Agradeço também à Fundação Dom Cabral (FDC) pelo apoio inestimável e comprometimento contínuo com a excelência acadêmica e desenvolvimento de projetos de relevância. A colaboração e o suporte de ambas as instituições foram fundamentais para o progresso e sucesso deste trabalho.

FÉ NO MUNDO CORPORATIVO: REFLEXÕES DE UMA PESQUISA COM EXECUTIVOS/AS SEM RELIGIÃO A PARTIR DA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA

1

RESUMO

Este artigo busca contribuir com os estudos sobre espiritualidade nas organizações, um tema ainda incipiente nas discussões acadêmicas brasileiras, que apresenta desafios teóricos e metodológicos significativos. Apresentamos aqui resultados parciais de uma pesquisa de doutorado que procura analisar o tema espiritualidade dentro de organizações brasileiras, buscando compreender, na perspectiva da Epistemologia Axiológica (EA), desenvolvida por Marià Corbí, se essa busca está orientada por uma Epistemologia Mítica (EM) ou por uma Epistemologia não mítica (EnM). Adotando uma abordagem qualitativa, entrevistas foram realizadas com 12 executivas e executivos da lista das melhores empresas para se trabalhar no Brasil. A Epistemologia Axiológica oferece uma perspectiva de análise a partir do paradigma da linguagem sobre a construção de sistemas de valores coletivos. Em particular, a religião, quando compreendida como um Projeto Axiológico Coletivo (PAC), destaca-se neste campo de pesquisa por sua influência marcante, mesmo em contextos em que sua presença não é imediatamente reconhecida. O foco deste artigo recai sobre as percepções das lideranças ouvidas no campo acerca de sua fé, sublinhando o impacto de um sistema coletivo de valores na definição de ações e decisões. Esta pesquisa vai além de uma simples escolha de palavras: mergulha na potência da linguagem e em sua capacidade de evocar, expressar e moldar sentimentos, crenças e comportamentos, mesmo em ambientes que, à primeira vista, pareçam seculares.

Palavras-Chave: Espiritualidade nas Organizações. Epistemologia Axiológica. Ciência da Religião Aplicada.

ABSTRACT

This article seeks to contribute to the studies on spirituality in organizations, a topic still in its infancy in Brazilian academic discussions, which presents significant theoretical and methodological challenges. We present here partial results from a doctoral research that aims to analyze the topic of spirituality within Brazilian organizations, seeking to understand, from the perspective of Axiological Epistemology (AE), developed by Marià Corbí, whether this search is guided by a Mythical Epistemology (ME) or by a Non-Mythical Epistemology (NME). Adopting a qualitative approach, interviews were conducted with 12 executives, both male and female, from the list of the best companies to work for in Brazil. Axiological Epistemology offers a perspective for analysis based on the language paradigm regarding the construction of collective value systems. In particular, religion, when understood as a Collective Axiological Project (CAP), stands out in this field of research for its marked influence, even in contexts where its presence is not immediately recognized. The focus of this article falls on the perceptions of the leadership interviewed about their faith, emphasizing the impact of a collective value system in defining actions and decisions. This research goes beyond a simple choice of words: it delves into the power of language and its ability to evoke, express, and shape feelings, beliefs, and behaviors, even in environments that, at first glance, may seem secular.

Keywords: Spirituality in Organizations. Axiological Epistemology. Applied Religion Studies.

1 INTRODUÇÃO

A espiritualidade nas organizações revela-se como um fenômeno multifacetado, atraindo a atenção de disciplinas tão diversas quanto a psicologia, teologia, ciência da religião e administração. Carneiro, Serafim e Tezza (2018, p. 161) frisam que, para tornar as pesquisas sobre o tema espiritualidade mais robustos e com maior confiabilidade, recomenda-se realizar aprofundamentos semânticos das palavras que envolvem esse campo “de forma a delimitar os significados e garantir que elas foram empregadas nos estudos de maneira equivalente”. Este vasto panorama traz à tona a complexidade da linguagem e a maneira como ela molda e expressa nossas experiências e compreensões mais íntimas, revelando nosso sistema de valores coletivos. Com esse entendimento, decidimos centrar nossa análise especificamente na força da palavra fé dentro do contexto das executivas e executivos que se declaram sem religião.

O recorte de análise faz parte de uma pesquisa doutoral sobre espiritualidade nas organizações com executivos/as de grandes empresas. A hipótese da pesquisa é que mesmo que as práticas de espiritualidade apareçam como algo que não tenha vinculação com a religião institucionalizada, as noções de espiritualidade, encontradas nas organizações, podem estar enraizadas em crenças, que possuem um modelo de submissão a uma verdade que é fixa, o que não corresponde ao paradigma das Sociedades de Conhecimento (SC).

Especificamente neste artigo, focaremos nossa análise na resposta das executivas e executivos sobre a pergunta se são pessoas de fé, com o intuito de demonstrar parte dos resultados da pesquisa e a força de um sistema de valores coletivos na modelagem de nossas ações. Buscaremos entender o impacto de um sistema de valores axiológicos concretos e qualitativos. Esse sistema, além de guiar a interpretação e valorização, motiva a ação de forma automática e é relevante até para aqueles desvinculados de tradições religiosas.

A escolha de focar nas respostas sobre a fé, mais do que uma mera seleção lexical, é um mergulho na força da linguagem e em como ela tem o poder de evocar, expressar e influenciar sentimentos, crenças e comportamentos, mesmo em um domínio aparentemente secular. Ao abordar o fenômeno da espiritualidade, vemos que as palavras têm peso e nuances, moldando percepções enraizadas na cultura sobre espírito, alma, corpo, transcendência, propósito e conexão com algo maior.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Atualmente, entender o fenômeno da espiritualidade nas organizações, tornou-se um desafio, devido à sua complexidade e às várias facetas que ela apresenta, podendo ser abordada por múltiplas perspectivas (Senra, 2017). Percebe-se que o tema espiritualidade vem ganhando interesse por diversos campos da ciência, dentre algumas perspectivas bem sendo considerada uma esfera que transcende religião e práticas rituais. Reforçando essa visão, Oliveira e Junges (2012) destacam o reconhecimento da espiritualidade pela Organização Mundial de Saúde (OMS) nas últimas duas décadas, como um aspecto vital da saúde humana. Esta abordagem contempla questões como propósito e significado da vida, não se restringindo somente ao domínio da instituição religiosa.

A demanda por estudos mais profundos em espiritualidade nas organizações é ressaltada por diversos pesquisadores como Barreto, Thompson e Feitosa (2010); Silva, Durante e Biscoli (2017); Carneiro, Serafim e Tezza (2018). Como apontado por Martins e Pereira (2009, p. 103), tais estudos robustos e compreensões refinadas são imperativos para a aceitação acadêmica, e a investigação em áreas ainda pouco exploradas exige discernimento das dimensões de sua manifestação. Benefiel (2005) também ecoa esta visão, destacando a necessidade de abordar críticas epistemológicas crescentes nessa área.

Nosso trabalho se propõe a contribuir para os estudos sobre espiritualidade nas organizações com um enfoque metodológico e epistemológico baseado nas contribuições de Marià Corbí. Este autor catalão compara a cultura de um grupo a um sistema computacional, que delinea modos de vida e sistemas de valores (CORBÍ, 1996). Segundo Corbí, a espiritualidade é central na trajetória humana e, para sua completa compreensão, necessita de uma abordagem desprovida de crenças e religiões, adequando-se à natureza fluida das Sociedades de Conhecimento. Essa análise deve ser multidisciplinar, englobando perspectivas biológicas, antropológicas e linguísticas (Corbí, 2010b). Para Corbí, os conceitos de qualidade humana (QH) e qualidade humana profunda (QHP) traduzem o que antes era denominado espiritualidade. Essa qualidade é um dado antropológico que não depende das religiões. (Senra; De Souza, 2021).

Corbí (1996) destaca a profunda conexão entre narrativas e as práticas laborais de uma sociedade, sublinhando que transformações nas ferramentas, sejam físicas ou sociais, repercutem nos valores comunitários. Ressalta-se, ainda, a revolução imposta pelas tecnociências em nossos modos de sobrevivência e interação nas Sociedades de Conhecimento. Ao abordar a espiritualidade nas organizações, é imprescindível entender a linguagem como um elemento que não apenas transmite, mas também molda nossas percepções e valores. Granés (2018) observa que formações mítico-simbólicas estão intrinsecamente ligadas ao trabalho, à linguagem e ao significado, ultrapassando uma simples estrutura sintática.

Corbí sustenta que, por meio das formações axiológicas, é possível identificar a relação entre as estruturas laborais e sociais dos coletivos, e as configurações míticas simbólicas, podendo analisar a semântica “como lugar da manifestação do que é valioso na língua” (Corbí, 1983, p. 98, tradução nossa)². Identificamos aqui ferramentas para analisarmos o fenômeno da espiritualidade nas organizações, por meio da relação concreta entre as estruturas laborais e sociais contemporâneas e as configurações mítico-simbólicas da contemporaneidade; em um nível de interdependência entre todos os níveis da língua, sendo eles uma formação simbólico-mítica social.

Segundo Hjelmslev (2003), um dos autores que contribui para o pensamento corbiano, destaca que a linguagem não é apenas um veículo de comunicação, mas uma parte fundamental de nossa identidade. Ela influencia e reflete nossa cognição, emoções e cultura, estando presente em cada etapa da vida humana. A linguagem age como um depositário de memórias individuais e coletivas e destaca-se como indicador de personalidade, tradição cultural e herança nacional. Simultaneamente, ela pode ser vista como um espelho da existência e, talvez, como a matriz formadora de vida, caráter e comunidade. Esta intrincada natureza da linguagem tem atraído atenção e reverência tanto na literatura poética quanto no domínio científico.

Maria Corbí explica que esta é uma estrutura antropológica, uma capacidade linguística que permite ao animal humano construir e transmitir significados. É uma estrutura com dotação genética incompleta que mantém uma relação de atuação entre o instrumento biológico (a língua) e o meio. A fala é o que possibilita construir nossos sistemas axiológicos coletivos, a cultura. Portanto, para o autor, “a cultura é sempre um fenômeno axiológico porque sua função é estabelecer quadros de motivação e ação propícios à sobrevivência”. (Corbí, 1996, p. 12, tradução nossa)³.

Clifford Geertz nos ajuda a pensar, na mesma direção que Corbí, que a cultura é fruto da língua, é uma criação humana que permite uma forma de se comunicar, perpetuar e desenvolver modos de sobreviver. A construção da cultura é uma “diferença qualitativa radical” (Geertz, 2017, p. 46), fruto de padrão de significados que nos proporcionam uma orientação e relação com o meio. Geertz completa dizendo, que “o homem tem uma dependência tão grande

² [...] como lugar de la manifestación de lo valioso en la lengua.

³ La cultura es siempre um fenómeno axiológico porque su función es establecer cuadros de motivaciones y actuaciones conducentes a la sobrevivencia.

em relação aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para sua viabilidade como criatura” (Geertz, 2017, p. 73).

Para Maria Corbí, a língua vai além de simplesmente um meio de comunicação; ela é fundamental para a compreensão de nossa essência como seres humanos. Segundo ele, "a língua é o que estrutura nossa condição de viventes, é o que estrutura nosso sistema axiológico". Este sistema axiológico, como esclarecido por Corbí (2020c, p. 91, tradução nossa)⁴, refere-se ao nosso sistema de motivações, coesão grupal e, também, às respostas às nossas motivações. A estrutura intrínseca de nossa língua, que se entrelaça com nossa estrutura antropológica, molda igualmente os nossos sistemas de avaliação, motivação e coesão. Dessa forma, a linguagem é um componente central na definição da nossa forma de pensar, sentir e agir.

Esse instrumento de comunicação humana é totalmente diferente da programação genética das demais espécies, que está estruturada em um sistema binário de estímulo e resposta, que se adapta ao meio modificando sua programação genética, sua morfologia e seu mundo. Como seres incompletos, a condição de falantes permite ao ser humano criar seus Projetos Axiológicos Coletivos (PACs), repletos de significados da realidade, valores, interpretação do mundo, formas de sobreviver ao meio.

A fala é uma necessidade humana de sobrevivência, um evento biológico que permite ao animal humano desenvolver seu sistema de comunicação, sem modificar sua programação genética ou sua morfologia. A professora Queralt ressalta que essa estrutura da fala “permite uma dupla relação com o meio ambiente, uma dependente de interpretações, valorações humanas e outra livre dessas interpretações e valorações, aberta ao desconhecido, ao não sentido, ao impensado” (Prat-i-Pubill, 2019, p. 66, tradução nossa)⁵, é por essa estrutura que os seres humanos podem ser criativos, abrindo portas para a indagação, a sabedoria, a beleza e as atitudes altruístas.

Nos últimos anos, diversos pesquisadores, em diálogo com o pensamento de Corbí, contribuíram significativamente para o desenvolvimento da Epistemologia Axiológica (EA) como disciplina. A disciplina se propõe a analisar a axiologia como fenômenos que impactam o sentimento humano, uma vez que aquilo que afeta o indivíduo também o estimula. Para além das publicações, foram organizados, sob a coordenação de Corbí, 15 encontros internacionais. Cada encontro resultou em um livro, com artigos apresentados e discutidos entre os pesquisadores participantes, enriquecendo e refinando a teoria ao incorporar perspectivas de diversas áreas do conhecimento. As temáticas dos encontros, evidenciadas pelas datas (Corbí, 2004; Corbí, 2005; Corbí, 2006; Corbí, 2007; Corbí, 2008; Corbí, 2009; Corbí, 2010; Corbí, 2012; Corbí, 2013; Corbí, 2014a; Corbí, 2014b; Corbí, 2015a; Corbí, 2016; Corbí, 2017; Corbí, 2018; Corbí, 2019), demonstram os variados enfoques de investigação adotados ao longo dos anos.

É possível perceber o foco e a preocupação do grupo em oferecer reflexões consistentes para as Sociedades de Conhecimento (SC) sobre a cultivo da qualidade humana. A EA propõe um caminho para compreender a linguagem como instrumento do humano para modelar (compreender e atuar) a realidade, onde através dela o ser vivente nomeia, objetiva e se relaciona, a partir de um sistema de respostas com significados e operações, que tocam e estimulam o humano (Corbí, 2020c).

São sistemas concretos de interpretação e avaliação automática tida como certezas no mundo, são axiológicos e qualitativos. A racionalidade é um processo segundo da língua de falar sobre si mesma, denominado metalinguagem. Considerarmos o paradigma da linguagem, precisamos ficar atentos ao que é concreto, sensitivo, qualitativo e axiológico.

⁴ [...] a língua é o que estrutura nossa condição de viventes, é o que estrutura nosso sistema axiológico.

⁵ [...] this ternary structure allows a dual relation to the environment, one depending on human interpretations, valuations and another one free from those interpretations and valuations, open to the unknown, the unfelt, the unthought.

A disciplina da EA estará preocupada em compreender os fenômenos humanos que afetam a sua sensibilidade e criam um sistema de comunicação entre a espécie. Para compreensão da formação desse sistema, a disciplina propõe duas lentes de análise: a Epistemologia Mítica (EM) que é um modelo interpretativo sustentado por um padrão fixo/recebido, ancorado em mitos, teorias e palavras que descrevem a realidade. Nesse entendimento, a realidade é fundamentalmente o que os mitos e teorias expressam. Por outro lado, a Epistemologia não Mítica (EnM) é um modelo interpretativo baseado em padrões que não são construídos nem sustentados por nós; considera que toda construção e interpretação da realidade é uma modelação humana de um ser vivo em necessidade. Segundo este modelo, mitologias e teorias não descrevem a realidade tal como ela é. Para nossa análise da linguagem do campo, utilizaremos essas duas perspectivas epistemológicas. (CORBI, 2020c)

Esse sistema de comunicação terá um padrão que se articula e se estende a todos os aspectos da vida coletiva, são interpretações e avaliações automáticas, presentes na nossa forma de pensar, sentir e agir. Aqui vale uma observação que nos ajudará a diferenciar, de um lado, os sistemas de valores, e, de outro, os sistemas de crenças.

Esses sistemas de valores [...] se referem àquelas interpretações e avaliações automáticas, evidentes e “verdadeiras” do mundo, que são claras para nós e constituem indivíduos em um coletivo. Sistemas de crenças são afirmações racionais que precisam ser pensadas como verdadeiras, e que se tornam sistemas de valores coletivos quando aplicadas com sucesso em coletivos, de modo que se tornam interpretações automáticas, evidentes e verdadeiras do mundo. (Prat-i-Pubill, 2018, p. 83).

Essa diferenciação apresentada por Queralt Prat-i-Pubill entre Sistema de valores *versus* Sistema de Crenças possibilita compreendermos o fenômeno por outro ângulo, o paradigma da linguagem. O primeiro passo é perceber que quando estamos nos referindo a um Sistema de Valores pela perspectiva do paradigma da linguagem, estamos nos referindo àquelas configurações culturais mínimas constituintes, presentes na linguagem que orientam o sujeito em suas interpretações e avaliações. Elas possuem um “padrão ou paradigma, [que] se articulará e se estenderá a todos os aspectos da vida coletiva, ao que os linguistas chamam de ‘códigos’.” (CORBÍ, 2013, p. 281, tradução nossa)⁶.

O segundo passo é perceber que um sistema de crenças nem sempre parte do sistema de valores daquele indivíduo ou coletivo. Um sistema de valores axiológicos é um sistema de respostas às motivações dos sujeitos. A pergunta que levantamos é: Um sistema de crenças pode se tornar um sistema de valores coletivos de uma sociedade? Sim! Portanto, é preciso delimitar o conceito que estamos utilizando, pois “mal-entendidos nascem de termos imprecisos” (Greschat, 2005, p. 19). Vejamos.

Na compreensão aqui adotada, os sistemas de “crenças são aqueles preceitos e valores coletivos legitimados pelo divino (religião), ou descobertos na natureza das coisas (ideologias). Por definição são heterônomos” (Prat-i-Pubill, 2018, p. 101, tradução nossa). São sistemas que possuem uma noção fixa e intocável, assumida como verdadeira e legitimadora da realidade, sendo uma afirmação racionalizada que é pensada e assumida como verdadeira.

Essa precisão teórica na nossa análise é importante, pois nos ajudará a criar parâmetros de interpretação dos padrões vigentes, de modo que poderemos verificar se nas organizações os sistemas de valores coletivos estão enraizados em crenças religiosas. Sendo assim, um sistema de crenças poderá se tornar um sistema de valores coletivo quando as configurações culturais mínimas que o orienta “se tornam interpretações automáticas, evidentes e verdadeiras do

⁶ [...] patrón o paradigma, articulará y se extenderá a todos los aspectos de la vida colectiva, a lo que los lingüistas llaman ‘códigos’”.

mundo” (PRAT-I-PUBILL, 2018, p. 84, tradução nossa), um modo de pensar, sentir, organizar e agir coletivo.

A EA reúne ferramentas para compreender os padrões que constituem, estimulam e motivam indivíduos em um Sistema de Valores em um coletivo. Identificar os padrões que constroem os paradigmas de cada sociedade nos ajudará a elencar elementos para a compreensão do fenômeno da espiritualidade na contemporaneidade. Ao identificar esses padrões, a teoria busca compreender os processos de transformação nos sistemas de valores presentes na sociedade, e como os fenômenos afetam a sensibilidade humana. Esse exercício metodológico não representa uma leitura linear ou evolucionista da história. O autor em momento nenhum em suas obras se propõe a isso. O exercício é puramente metodológico, buscando identificar padrões presentes nos coletivos e os sentidos atribuídos por eles. Tudo isso tendo em vista que as sociedades terão seus sistemas, e compreendê-los é um passo fundamental para entendermos melhor para onde a sociedade atual caminha.

Nossa análise parte da identificação do modo de sobrevivência, que conseqüentemente gera a ocupação dominante, e dela surgem as operações linguísticas centrais e a forma de cultivo da nossa qualidade humana. A linguagem é um processo simbiótico de um animal que busca sobrevivência. Identificar a ocupação central possibilita perceber o sistema de motivação e coesão do coletivo para perpetuar-se e adaptar-se. Essa atuação possui uma dupla experiência do real e será motivada por estímulos valorativos presentes na metáfora reguladora, que são as interpretações automáticas, evidentes e verdadeiras do mundo daqueles viventes.

Os humanos carecem do que Corbí chama de natureza fixa e de arranque. A natureza aqui está relacionada ao papel biológico da língua e à nossa capacidade linguística, e o arranque exemplifica bem o que essa natureza fixa precisa para se movimentar. O arranque é força que movimenta/afeta a língua e gera a ação do animal humano, fazendo-o perceber e se perceber.

Essa indeterminação gerou uma grande vantagem: flexibilidade diante do meio e da notícia da dimensão absoluta. Com a ajuda da linguagem, os humanos podem criar diferentes modos de modelar a realidade de acordo com as transformações que ocorrem no ambiente ou aquelas que nós mesmos podemos produzir. Existe um tipo de discurso para exercer essa função: os projetos axiológicos coletivos (PACs).⁷ (Corbí, 2020c, p. 370-371, tradução nossa).

Os PACs estão presentes na cultura dos povos e são estratégicas comunicativas composta por códigos linguísticos que atuam como um sistema de motivação e coesão coletiva para completar sua indeterminação genética e garantir ao longo do tempo sua perpetuação e adaptação. A cada necessidade de adaptação para sobrevivência, os programas vão se reconfigurando para garantir a viabilidade humana ao meio, sendo uma forma concreta de responder às mudanças ao meio e às mudanças que nós mesmos vamos provocando (Corbí, 2020c).

O autor explica que os PACs evoluem e se adaptam ao longo do tempo para responder a mudanças ambientais e culturais, garantindo a sobrevivência e perpetuação da humanidade (Corbí, 2020c). Sociedades de caçadores e coletores compartilham mitologias semelhantes, centradas em torno da caça e da colheita, representando a dualidade da morte e renascimento (Corbí, 1996). As sociedades agrárias focam na agricultura como sua atividade principal. A evolução das práticas agrícolas levou a uma maior organização e coordenação social. Nesse contexto, os PACs dessas sociedades gravitavam em torno do cultivo e da obediência. A religião desempenhou um papel significativo, moldando e informando essas culturas, fornecendo

⁷ Esa indeterminación creó una gran ventaja: la flexibilidad frente al medio y la noticia de la dimensión absoluta. Con la ayuda de la lengua, los humanos podemos crear diferentes modos de modelación de la realidad según las transformaciones que se produzcan en el medio o las que nosotros mismos podemos producir. Hay un tipo de habla para ejercer esa función: los proyectos axiológicos colectivos (PACs).

sistemas de valores e diretrizes para a vida (Corbí, 2015b, Corbí, 2015c). Com a industrialização, houve uma mudança para sociedades mais liberais e seculares, centradas na inovação e tecnologia. O trabalho passou a ser dominado por máquinas, o que transformou os modos de vida e os sistemas de valores. A industrialização também trouxe novos ideais, incluindo o liberalismo e o socialismo, reduzindo a influência da religião na vida coletiva (Corbí, 2010b).

O ambiente de trabalho transformado pela industrialização destacou a eficiência, divisão de trabalho e especialização (Teixeira, 2010). O rápido avanço da ciência e tecnologia resultou na formação de sociedades inovadoras, priorizando a criatividade e a colaboração (Corbí, 2010b). Para Corbí, a religião tornou-se menos relevante em tais sociedades, pois as pessoas viam os PACs como criações humanas e não divinas (Corbí, 2020a). No entanto, Corbí argumenta que a religião, embora muitas vezes vista como obsoleta, tem um valor inestimável. A religião pode ajudar a orientar a busca pelo sentido e enriquecer a espiritualidade humana. A verdadeira ameaça para as religiões nas sociedades modernas não é a oposição, mas a indiferença (Corbí, 2020b).

Construtores das suas próprias referências, a incerteza é uma marca latente nesses sujeitos. Quebrando a heteronomia dos projetos coletivos anteriores e a certeza de que esses instalavam no coletivo, os sujeitos se veem como gestores da sua existência e suas criações. Corbí ressalta que os sujeitos dizem ter perdido “todos os sistemas absolutos de referência – os sagrados, os naturais e os científicos –, e isso aconteceu precisamente quando acabamos de nos inteirar de que temos em nossas mãos o destino global.” (Corbí, 2010b, p. 164).

3 METODOLOGIA

A primeira etapa envolveu a organização do referencial teórico para guiar a pesquisa. Segundo Moraes e Galiazzi (2016), isso facilita um diálogo com a teoria, permitindo sua teorização e transformação, e enriquecendo o fazer acadêmico. Na 2ª etapa, para condução das entrevistas por profundidade, construímos e validamos o instrumento de coleta de dados, que formou nosso *corpus textual*. Oliveira (2016) destaca que a técnica de entrevistas por profundidade oferece descrições detalhadas do objeto de estudo, e perguntas abertas permitem que os entrevistados expressem suas motivações, crenças e sentimentos sobre o tópico em questão.

Definimos a quantidade de entrevistados com base na orientação de Farias, Falqueto e Hoffmann (2018), entrevistando 12 pessoas. Preparamos um questionário abrangente para coletar dados sobre a rotina do executivo, necessidades pessoais e profissionais, tendências de gestão de pessoas, senso religioso, práticas de qualidade humana profunda e espiritualidade nas organizações. Realizamos um pré-teste com uma professora universitária e um gerente para ajustar o questionário, corrigir ambiguidades e verificar o tempo necessário para cada entrevista, seguindo as diretrizes de Oliveira (2016). As percepções compartilhadas entre o pesquisador e os entrevistados ajudaram a aprimorar a clareza das questões.

Conforme a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466/12, submetemos nosso projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC Minas por meio da Plataforma Brasil. Enviando o projeto detalhado, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e o Termo de Compromisso assinados em colaboração com a Fundação Dom Cabral (FDC), que facilitou o contato com os executivos. Escolhemos a FDC como parceira por dois motivos: sua alta reputação na área de negócios, classificada em 10º lugar no Ranking de Educação Executiva 2019 do Financial Times e considerada a melhor escola de negócios da América Latina por 14 anos consecutivos. Além disso, a FDC possui uma vasta rede de contatos diretos com executivos que participaram de programas como Executive MBA e/ou Mestrado Profissional. Seu currículo de cursos se concentra em profissionais que atuam

em ambientes complexos e dinâmicos, o que nos aproximou de pessoas envolvidas nas Sociedades de Conhecimento, conforme a concepção da EA. Vale ressaltar que as características demográficas das turmas da FDC incluem uma média de 15 anos de experiência profissional, idade média de 37,5 anos e uma representação significativa de grandes corporações em vários níveis hierárquicos (FDC, 2019). É importante destacar que as respostas das entrevistadas não refletem a opinião oficial da FDC; esta parceria foi apenas uma via de acesso ao grupo de interesse em nossa pesquisa.

As entrevistas foram conduzidas usando o software Zoom, gravadas e depois transcritas por profissionais. O processo de transcrição seguiu normas rígidas para garantir precisão e confiabilidade. Após a coleta e transcrição dos dados, a análise de conteúdo foi realizada seguindo o método de Lawrence Bardin (2011). O foco estava na compreensão da axiologia nas falas dos entrevistados e na identificação de valores subjacentes, além de mudanças linguísticas.

Aprofundando-se nas técnicas de análise, o estudo empregou a transformação de Unidades de Contexto Iniciais (UCI) em Unidades de Contexto Elementares (UCE). Este processo, destacado por Ana Maria Justo e Brígido Vizeu Camargo (2013), é crucial para refinar e reformatar as unidades de texto. Através desta abordagem, foi possível analisar a frequência das palavras, o uso médio e identificar *hapax* (palavras com uma única ocorrência).

A sequência de leituras conduziu a uma primeira compreensão do universo de análise que consistiu na leitura flutuante das 12 entrevistas a partir de um campo determinado a priori. Neste campo, foram consideradas entrevistas de oito mulheres e de quatro homens, com idade média 44 anos. Na perspectiva religiosa, ressalta-se que inicialmente não buscamos selecionar as/os entrevistadas/os pela sua autodeclaração. Isso aconteceu durante a entrevista, o que nos levou a uma primeira escolha na constituição do corpus a partir do qual focaríamos a nossa análise, as pessoas que se declararam sem religião.

Bardin (2011) ressalta que o processo de pesquisa implica em escolhas, seleções e regras. Um processo que precisa se apoiar em regras que demonstrem o caminho de análise, onde as principais regras são: a exaustividade, a representatividade, a homogeneidade e a pertinência. Ao acessarmos o campo, encontramos seis pessoas sem religião, três pessoas católicas, duas pessoas evangélicas e uma pessoa espírita. Portanto, tendo como foco o objetivo da linha de pesquisa Religião e Contemporaneidade (RCO), que propõe investigar as questões que emergem do *ethos* contemporâneo e seu reflexo sobre fenômenos religiosos, espiritualidades e tradições de sabedoria, optamos por seguir a análise das entrevistas das seis pessoas que se declararam sem religião, por dois motivos.

O primeiro motivo diz respeito ao interesse do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura em analisar dados empíricos de pessoas que se declaram sem-religião ou não afiliadas, procurando identificar nas suas falas como elas lidam com o conteúdo das religiões e os motivos de uma ruptura institucional. O segundo motivo é o interesse da EA, que, partindo da compreensão da religião como um PAC das sociedades pré-industriais, oferece elementos para identificarmos como as pessoas que se declaram sem religião constroem os seus horizontes de sentidos axiológicos, demarcando um caminho teórico para compreensão do cultivo da espiritualidade como algo que independe da religião.

No processo de análise de dados linguísticos que ocorreu, utilizou-se a análise de similitude com o apoio do software Iramuteq para investigar as raízes das palavras. Esse método identificou padrões entre as palavras com base em sua similaridade em termos de raízes e contexto. Através dela, foi possível compreender em profundidade o campo semântico das palavras em uso, observando, por exemplo, a frequência de termos como crença, fé e divindade. O *Iramuteq*, nesse contexto, facilitou a identificação das coocorrências entre as palavras em um corpus textual, ajudando a elucidar a estrutura linguística do grupo e oferecendo insights sobre padrões linguísticos, temáticos e as dinâmicas do grupo em estudo.

Destaca-se que a análise de similitude, quando aplicada com o auxílio do software Iramuteq, ofereceu vantagens notáveis para inferências baseadas na estrutura do texto e temas relevantes. Permitiu uma visualização gráfica das inter-relações entre palavras, elucidando temas frequentes, palavras-chave e suas associações. Além disso, a representação gráfica facilitou a identificação de conexões e relações entre conceitos e ideias, enriquecendo a compreensão do texto e possibilitando percepções que poderiam ter sido negligenciadas em uma análise puramente textual (JUSTO; CAMARGO, 2013, p. 515).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.

Na pesquisa doutoral em curso, propusemos 36 questões. Neste artigo, focaremos nossa análise na pergunta: "Você se considera uma pessoa de fé?". Tal questionamento nos permitiu explorar códigos linguísticos intrínsecos ao discurso que define os executivos deste setor, e discernir se tais códigos são indicativos de uma interpretação mítica da realidade. Ao abordar a questão da fé, é como se déssemos um mergulho mais profundo no mar do discurso que constitui o campo, revelando o seu sistema de valores subjacente.

A fé é apresentada como um ato de acreditar, uma confiança, um sentir. Destaca-se no discurso de E6, E7, E8 e E9 a fé em Deus, em uma força maior, no divino. Ao perguntar se elas são pessoas de fé, o olhar, a tonalidade da voz, muda. Ocorre uma ênfase que podemos tentar expressar pelas letras do discurso abaixo:

De fé, **muita!** Muita. Muita fé. Eu tenho muita fé. E assim, quando eu falo fé em Deus mesmo, eu acredito nesse ser supremo. [...] quando eu falei antes que se eu sou resiliente, que eu sou isso, que eu tenho minhas dores, para mim isso é fé, para mim tem um único ser que me faz sair desse espaço: Deus (E6).

[...] Então, mas eu acredito, **sempre**, eu sou uma pessoa extremamente otimista, eu acho que otimismo e fé estão na mesma dimensão. Então eu... eu acredito simplesmente, acreditava que ia ter a vacina, acredito que pode demorar, mas a gente vai (acha graça) sair disso, infelizmente com muitas perdas, mas também acho que é maior, é maior que nós. (acha graça) Então, não adianta eu aqui entrar em **desespero**, porque não vai resolver. Eu tenho que agir (E8)

Ao entrar nessa dimensão, identificam-se elementos de um sistema de valores com crenças cristãs. Negrita-se a confiança em Deus como condutor da existência, força para atuar no cotidiano, superação das dores. Uma interpretação da realidade típica de sociedades estáticas, presente nas SC. Nas palavras do campo: “às vezes é uma fé até meio cega, [...] de entender que tem movimentos que estão além da nossa compreensão, e acreditar que haverá um ajuste [...] que a gente não consegue alcançar” (E7). Ao mesmo tempo, destacam essa confiança em Deus, dizendo que há um motivo maior para a humanidade estar passando por tudo o que estamos vivendo, acredita-se que é preciso depositar fé, ou seja, um ato do sujeito/a. Nas palavras do campo, é preciso “um pouco [de] fé na humanidade mesmo, senão é difícil levar” (E9).

Esse ponto nos conecta, em alguma medida, ao discurso de fé de E1 e E4 como um ato de confiança que é depositado em algo. Vejamos.

“Eu tenho fé nas pessoas, tenho fé no futuro, não sei se para curto prazo, mas para longo prazo. Eu acredito que a tendência, pelo menos o que eu vejo, quando eu pego a minha geração, quando era adolescente, ou até criança, e vejo como as crianças de hoje estão sendo formadas num modelo muito mais inclusivo, eu acho que eu tenho fé, que talvez no futuro a gente consiga ter uma harmonia maior entre as pessoas” (E1)

O/a executivo/a ao longo da sua entrevista destaca as mudanças pelas quais o mundo vem passando e que tem fé, ou seja, acredita que as coisas podem mudar. Essa confiança na

mudança é apresentada como uma percepção de que a possibilidade de mudança está nas mãos das pessoas. Negrita-se uma fé na humanidade, na ciência, na razão, no bem. E4 destaca que não possui uma fé cega, e que não atua pela fé, mas pela razão, que, segundo eles, tem um componente emocional.

Eu tenho fé na humanidade, eu tenho fé em muitas coisas. Eu tenho fé na consciência, eu tenho fé na ciência, eu acredito na ciência. Eu sou uma pessoa que tem uma mente aberta para tudo, mas tenho que provar. Para mim o método científico continua sendo o mais adequado, eu não faço nada pela fé, eu faço pela razão pelo raciocínio. É claro que a razão não é pura, a razão tem todo um fundamento emocional, como é que você está ligado emocionalmente às coisas. (E4)

Os códigos linguísticos deste campo nos permitem perceber, inferir e analisar essa expressão de fé como um sentir humano, um ato de confiança do sujeito/a para gerir a sua sobrevivência. Segundo Marià Corbí (2021), o sentir é o sistema de sinais que é o pai dos sentimentos, ódios e afetos, e é o instrumento que serve o ego para orientar-se e operar no ambiente de tal forma que possa sobreviver e não morrer. O sentir humano é fruto do nosso duplo acesso à realidade, e é por meio da linguagem que os seres humanos capturam o sentir e podem transformá-lo em uma entidade ou uma figura. Nesse sentido, é possível relacionar a fé ao sentir, já que a fé pode ser vista como um ato de confiança que emerge desse sistema de sinais e que orienta a vida humana em direção a algo que transcende a experiência imediata.

O sentir profundo é uma dimensão fundamental do ser humano que está sempre presente, mesmo que possa ser obscurecido pelo sistema de sinalização ou pela realidade em que vivemos. Através de alguma fissura nesse sistema ou por meio de uma experiência de despertar, esse sentimento profundo pode emergir e se manifestar em sentimentos como perplexidade, maravilha e medo. Nas palavras de Corbí, "o sentir profundo está sempre presente no ser humano, num momento ou outro, através de alguma greta no sistema de sinais do sentir ou na realidade que nos rodeia, como perplexidade, espanto incluindo o medo" (Corbí, 2022, p.55, tradução nossa)⁸.

O sentir humano é descrito como um sistema de sinais que satisfaz as necessidades e evita riscos, e é por meio da linguagem que é possível compreender o que toca essas pessoas, seja por meio de elementos míticos ou não míticos presentes em seus discursos. O sentir humano funciona como "um sistema de sinais para satisfazer as necessidades dos viventes e evitar riscos, é o sentimento que serve ao ego para administrar a sobrevivência" (Corbí, 2021, p.55, tradução nossa)⁹. Corbí (2021) discorre sobre a condição humana, destacando nossa capacidade linguística e nossa incompletude, o que nos torna seres vivos viáveis pela fala e capazes de criar projetos axiológicos coletivos por meio da prática IDS-ICS (interesse, distanciamento e silenciamento, mais indagação, comunicação e serviço, que envolve interesse, distanciamento, silenciamento, indagação, comunicação e serviço. Essa prática é influenciada tanto por elementos culturais quanto animais.

Cabe aqui a ressaltar que o IDS-ICS é uma habilidade desenvolvida que está diretamente ligada à nossa estrutura linguística, fruto do nosso duplo acesso a realidade. Essa prática consiste em procedimentos que contribuem para a criatividade e a flexibilidade em diversas situações de comunicação. De acordo com o campo de pesquisa e a base teórica, podemos ler a categoria fé por meio do seu composto axiológico expresso no sentir do sistema de sinais das pessoas entrevistadas. Esse sistema de sinais é influenciado por fatores culturais, emocionais e

⁸ El sentir hondo siempre se hace presente a los humanos, en un momento u otro, por alguna grieta del sentir sistema de señales o en la realidad que nos rodea, como perplejidad, asombro e incluso temor.

⁹ [...] un sistema de señales para satisfacer las necesidades del viviente y evitar riesgos, es el sentir que sirve al ego para gestionar la sobrevivencia.

biológicos, capaz de gerar uma sensação de certeza axiológica, ou seja, uma convicção sobre o que é importante e valioso.

Sobre esse sentir humano, Marià Corbí (2021) explica que funciona como sistema de sinais que acontece de forma superficial e profunda. Aqui há uma relação direta com a nossa QH e a QHP, considerando que o seu cultivo pode se dar por meio de uma EM e EnM. O PAC demonstrará esses elementos.

O sentir profundo está sempre presente para os humanos, em um momento ou outro, através de alguma fenda no sistema de sinais de sentimento ou na realidade ao nosso redor, como perplexidade, assombro e inclusive medo. O sentir que funciona como um sistema de sinais é o que delimita, faz a primeira interpretação e avalia de acordo com as necessidades do vivente no ambiente em que ele se move. Sem este sentimento superficial, o sentimento profundo não teria acesso à realidade do mundo. A partir deste primeiro acesso, o sentimento profundo admira, sente falta e ama. (Corbí, 2021, p.56, tradução nossa)¹⁰.

No contexto da pesquisa realizada, podemos perceber sinais de um sentir movido por uma herança da tradição cristã. A religião cristã é uma cultura forte na vida das pessoas entrevistadas, e seus valores e crenças refletem essas características. Dessa forma, é possível analisar que a linguagem utilizada pelos entrevistados e entrevistadas reflita essa influência, seja por meio de expressões, metáforas ou mesmo no conteúdo de suas falas. O que identificamos de diferente é que esses elementos que tocam a vida das pessoas deste campo já não passam pela intermediação da religião como instituição, o que também não significa uma atuação sem elementos míticos para interpretação e valoração da realidade. Tal caminho é feito por cada um, onde essa força maior nomeada como Deus pode ser conectada “a partir daquilo que é a mente” (E6). Também aparece esse sentir como uma confiança na própria humanidade, por meio da razão, que “tem todo um fundamento emocional, [que é] como é que você está ligado emocionalmente às coisas” (E4).

No campo pesquisado, identificamos que a religião como PAC aparece fortalecida mesmo que algumas práticas sejam nomeadas como *não religiosas* ou independentes de instituições religiosas. Isso ocorre porque essas práticas oferecem um conjunto de valores e crenças compartilhados por uma comunidade. Entre as práticas que foram identificadas no campo, podemos citar por exemplo, a prática de meditação. Essas práticas oferecem uma estrutura para a busca da paz interior, conexão com um poder superior e promoção do bem-estar físico e mental, entre outros valores e crenças compartilhados por uma comunidade. Além disso, outras práticas identificadas no campo incluem a busca pela natureza e pelo contato com o meio ambiente, que pode ser vista como uma forma de espiritualidade e conexão com algo maior. Portanto, mesmo que algumas práticas sejam nomeadas como não religiosas no campo pesquisado, a religião como PAC aparece fortalecida porque essas práticas oferecem um conjunto de valores e crenças compartilhados por uma comunidade em seu sistema de valores coletivo. A religião, portanto, não se limita às instituições religiosas, mas é um PAC dinâmico e em constante transformação que se manifesta de diferentes formas em diferentes contextos sociais e culturais.

A complexidade que envolve o sistema de valores dos indivíduos no campo pesquisado é evidenciada na resposta à pergunta sobre afiliação religiosa, em que a autodeclaração como sem religião aparece como uma negação da adesão a uma instituição religiosa, que não faz

¹⁰ “El sentir hondo siempre se hace presente a los humanos, en un momento u otro, por alguna grieta del sentir sistema de señales o en la realidad que nos rodea, como perplejidad, asombro e incluso temor. El sentir que funciona como un sistema de señales es el que acota, hace la primera interpretación y valora según las necesidades del viviente en el medio en el que se mueve. Sin ese sentir superficial, el sentir hondo no tendría acceso a la realidad del mundo. Desde ese acceso primero, el sentir hondo se admira, se extraña y ama”.

sentido para os/as entrevistados/as. No entanto, quando a pergunta é reformulada para indagar sobre a construção do seu caminho, os/as entrevistados/as afirmam na forma de organizar os seus sentidos e dar significado à sua existência elementos do PAC. É possível perceber que a força de um PAC ultrapassa as estruturas de uma instituição, com práticas que oferecem um conjunto de valores e crenças compartilhados por uma comunidade. Tais elementos aparecem quando ela diz que “às vezes é uma fé até meio cega, de que até assim, de entender que tem movimentos que estão além da nossa compreensão, e acreditar que haverá um ajuste, há um ajuste que a gente não consegue alcançar” (E7). Portanto, o que conseguimos acessar via discurso se apresenta de forma complexa e multifacetada.

Ao centrar nossa análise na força semântica da palavra *fé*, almejamos compreender a força de um sistema de valores axiológicos. As palavras carregam em si o vigor da cultura e se manifestam por meio de um sistema comunicativo que possibilita a interpretação, valorização e motivação para ação de. Quando percebemos as diversas nuances da palavra fé em pessoas que se autodeclaram sem religião, constatamos que o fato de alguém ou algum ambiente se identificarem como desprovidos de religião não implica, necessariamente, que eles não tenham acesso aos conteúdos das tradições religiosas. Tal análise nos oferece novas perspectivas para compreendermos como a espiritualidade, no campo cultural, pode ser entendida de múltiplas formas. Estes significados, mediados pela linguagem, podem englobar conceitos como corpo e mente, espírito, transcendência, religiosidade, propósito de vida e conexão com uma entidade superior. Tais interpretações se fazem presentes nas interações cotidianas dos indivíduos nas organizações, influenciando suas emoções, comportamentos e abordagens profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, inserido no campo de uma pesquisa doutoral, tem a audaz tarefa de dissecar o fenômeno da espiritualidade em organizações sob o prisma da linguagem. Tal abordagem, embora singular, é reveladora em muitas instâncias. Ao analisar respostas a uma pergunta tão aparentemente simples como "você é uma pessoa de fé?", somos conduzidos a uma análise mais ampla sobre como os sistemas de valores axiológicos e como eles influenciam nossa percepção e interação com o mundo.

No entanto, é imperativo criticar a sutileza com que a cultura, através do PAC, se manifesta nas organizações. A conclusão de que as pessoas ou práticas, mesmo que distantes da religião enquanto instituição, mas permanecem ligadas a determinados valores axiológicos, aponta para uma nuance que muitas vezes é negligenciada. Esta é a potência silenciosa do PAC, um programa que opera nas profundezas do subconsciente coletivo, modelando nossas interpretações e reações mesmo quando acreditamos estar desvinculados de suas raízes.

Dito isto, a afirmação de que o PAC permeia nossa existência de tal forma que está presente mesmo quando acreditamos que não, é uma reflexão profunda sobre sua força e influência. O PAC não é apenas um conjunto de valores transmitidos; é uma estrutura adaptada para guiar e moldar a sobrevivência e coesão de comunidades ao longo do tempo. Mesmo quando a relevância imediata da religião se desvanece, as sementes do PAC persistem, direcionando comportamentos e crenças de maneiras frequentemente não reconhecidas.

Este trabalho destaca a necessidade premente de uma análise mais crítica da espiritualidade nas organizações, que ultrapasse as camadas superficiais e aprofunde-se na influência cultural e axiológica. Questões emergentes na compreensão da fé que move os executivos(as) podem também surgir nas interpretações sobre o que constitui espiritualidade. Esse fenômeno pode ser atribuído à força intrínseca da linguagem, pois carregamos e transmitimos valores profundamente enraizados em nossa cultura.

Estudos robustos e interpretações refinadas são essenciais para aprofundarmos a compreensão do fenômeno da espiritualidade nas organizações. Neste artigo, destacamos as

contribuições que a Epistemologia Axiológica pode trazer para uma análise científica, fornecendo elementos para discernir crenças durante essa análise. A pesquisa em áreas ainda pouco exploradas demandam um discernimento detalhado de suas múltiplas facetas. Entender a influência da cultura e do sistema axiológico coletivo é crucial para compreender os fatores que impulsionam a coesão e motivação em ambientes organizacionais. A presença da fé no mundo corporativo, como evidenciado neste artigo, mostra que, ao falhar em reconhecer e compreender tais forças, corremos o risco de subestimar a potência e o impacto do sistema axiológico coletivo no cenário corporativo atual.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, Tiago Franca; THOMPSON, Ana Carolina Rolim Tucunduva da Fonseca; FEITOSA, Marcos Gilson Gomes. Mapeamento da produção acadêmica nacional em espiritualidade no ambiente de trabalho: o Brasil em desenvolvimento tardio? **Anais dos Seminários de Administração**, São Paulo, Brasil, v. 13, p. 1-17, 2010.

BENEFIEL, Margaret. The second half of the journey: Spiritual leadership for organizational transformation. **The Leadership Quarterly**, [S. l.], v.16, p. 723–747, 2005.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013.

CARNEIRO, Lucas Carregari; SERAFIM, Maurício Custódio; TEZZA, Rafael. Uma análise bibliométrica da relação entre ética e espiritualidade/religiosidade nas organizações. **RIGS revista interdisciplinar de gestão social**, Vale do Canela, v. 7, n. 2, mai./ago. 2018.

CORBÍ, Marià (Org). **10º Encontro. La necesidad ineludible del cultivo de la cualidad humana**. Edició: Ed. Bubok, 2014.

CORBÍ, Marià (Org). **11º Encontro. Crisis de las religiones como sistemas de programación colectiva y desmantelamiento axiológico. El reto de construir los proyectos axiológicos colectivos que necesitamos**. Edició: Ed. Bubok, 2015a.

CORBÍ, Marià (Org). **12º Encontro. La orientación final de los Proyectos Axiológicos Colectivos en las sociedades de conocimiento**. Edició: Ed. Bubok, 2016.

CORBÍ, Marià (Org). **13º Encontro Internacional: El problema de introducir a las nuevas generaciones en lo que nuestros mayores llamaron espiritualidad**. Edició: Ed. Bubok, 2018.

CORBÍ, Marià (Org). **14º Encontro Internacional CETR. Problemas del tránsito a una espiritualidad sin sumisión**. Edició: Ed. Bubok, 2019.

CORBÍ, Marià (Org). **15º Encuentro Internacional CETR. Diferencias y contraposiciones entre una espiritualidad de sumisión y una espiritualidad de indagación y creación libre**. Edició: Ed. Bubok, 2020.

CORBÍ, Marià (Org). **1º Encontre Internacional CETR. Obstáculos a la espiritualidad en las sociedades europeas del siglo XXI.** Barcelona: CETR, 2004.

CORBÍ, Marià (Org). **2º Encontre Internacional de CETR. ¿Qué pueden ofrecer las tradiciones religiosas a las sociedades del S. XXI?** Barcelona: CETR, 2005.

CORBÍ, Marià (Org). **3º Encontre Internacional CETR. Lectura simbòlica dels textos sagrats.** Barcelona: CETR, 2006.

CORBÍ, Marià (Org). **4º Encontre Internacional de CETR. Lectura puramente simbólica de los textos sagrados. Ensayos prácticos.** Barcelona: CETR, 2007.

CORBÍ, Marià (Org). **5º Encontre Internacional de CETR. La espiritualidad como cualidad humana y su cultivo en una sociedad laica.** Barcelona: CETR, 2008a.

CORBÍ, Marià (Org). **6º Encontre de CETR. La calidad humana fuente de equidad y justicia. La herencia de las tradiciones de sabiduría.** Barcelona: CETR, 2009.

CORBÍ, Marià (Org). **7º Encontre. Conseqüències del final de l'epistemologia mítica.** Barcelona: CETR, 2010.

CORBÍ, Marià (Org). **8º Encontre de CETR. La crisis axiológica raíz de todas las crisis que sufre nuestro mundo.** Edició: Ed. Bubok, 2013.

CORBÍ, Marià (Org). **9º Encontre. Indagaciones sobre la construcción de una epistemología axiológica.** Edició: Ed. Bubok, 2014.

CORBÍ, Marià. **Análisis epistemológico de las configuraciones axiológicas humanas.** La necesaria relatividad cultural de los sistemas de valores humanos: mitologías, ideologías, ontologías y formaciones religiosas. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1983.

CORBÍ, Marià. **El cultivo de la cualidad humana profunda en las sociedades de conocimiento globalizadas. Principios de Epistemología Axiológica 4.** Edició: Ed. Bubok, 2015c.

CORBÍ, Marià. **El cultivo de la cualidad humana y de la cualidad humana profunda.** 31 jul. 2008b. Disponible em: http://cetr.net/el_cultivo_de_la_cualidad_humana_y_d/. Acceso em: 10 jan. 2021.

CORBÍ, Marià. **El gran olvido: la gratuidad del vivir. Principios de epistemología axiológica 6.** Edició: Ed. Bubok, 2020c.

CORBÍ, Marià. **El sentir hondo de la vida. Principios de epistemología axiológica 7.** Edició: Ed. Bubok, 2021.

CORBÍ, Marià. **La construcción de los proyectos axiológicos colectivos.** Edició: Ed. Bubok, 2013a.

CORBÍ, Marià. **La mente y la cualidad humana. Principios de epistemología axiológica 8.** Edició: Ed. Bubok, 2022.

CORBÍ, Marià. **Para uma espiritualidade leiga: sem crenças, sem religiões, sem deuses.** Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2010b.

CORBÍ, Marià. **Protocolos para la construcción de organizaciones creativas y de innovación. Principios de Epistemología Axiológica 3.** Edició: Ed. Bubok, 2015b.

CORBÍ, Marià. **Religión sin religión.** Madrid: PPC, 1996a.

FALQUETO, Júnia; FARIAS, Josivania; HOFFMANN, Valmir Emil. Saturação Teórica em Pesquisas Qualitativas: Relato de uma Experiência de Aplicação em Estudo na Área de Administração. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, v. 20, n. 52, p. 40-53, dez., 2018.

FUNDAÇÃO DOM CABRAL (FDC). **Executive MBA.** Disponível em: <https://www.fdc.org.br/pos-graduacao/executive-mba>. Acesso em: 13 set. 2023.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GRANÉS BAYONA, Marta. **El impacto de las sociedades de conocimiento sobre los valores colectivos: Análisis y valoraciones desde los principios de la epistemología axiológica de Marià Corbí.** 2017. 604f. Tesis (Doctorado) - Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Filología, Instituto Ciencias de Las Religiones, 2017.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?** Tradução de Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005.

HJELMSLEV, Louis (1975). **Prolegômenos a uma teoria da linguagem.** Tradução de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MARTINS, Gisely Jussyla Tonello; PEREIRA, Maurício Fernandes. Contribuições da liderança espiritual para o desempenho organizacional sustentável. **Revista de Administração FACES Journal**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 87-106, jan./mar. 2009.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva.** 3. Ed. Rev. e ampl. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

OLIVEIRA JR., M. NURC Digital: Um protocolo para a digitalização, anotação, arquivamento e disseminação do material do Projeto da Norma Urbana Linguística Culta (NURC). **CHIMERA: Revista de Corpus de Lenguas Romances y Estudios Lingüísticos**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 149–174, 2016. Disponível em: <https://revistas.uam.es/chimera/article/view/6519>. Acesso em: 16 abr. 2022.

OLIVEIRA, Márcia Regina de; JUNGES, José Roque. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.17, n. 3, set./dez. 2012.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 7. Ed. Revista e atualizada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PRAT-I-PUBILL, Queralt. **Axiological knowledge in a knowledge driven world: considerations for organizations.** 2018. Thesis (Doctor in Organization and Management Studies). Copenhagen Business School, Denmark, 2018.

PRAT-I-PUBILL, Queralt. **Re-imagining Management: An Axiological Approach for Knowledge Creation Oriented Organisations.** 2019. Thesis (Doctor in Tesis Management Sciences). Universitat Ramon LLull, Escuela Superior de Administración y Dirección de Empresas, Espanha, 2019.

SENRA, Flavio. Espiritualidade e contemporaneidade. *In*: SENRA, Flavio; LOTT, Henrique; CAMPOS, Fabiano (org.). **Religião e contemporaneidade: atualidade do fenômeno religioso.** São Paulo: Fonte Editorial, 2017. p. 119-130.

SILVA, Ana Célia Carneiro da; DURANTE, Daniela Giaretta; BISCOLI, Fabiana Regina Veloso. Espiritualidade no ambiente de trabalho: estudo bibliométrico da produção acadêmica nacional 2010-2014. **Revista de Gestão e Secretariado - GeSec**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 1-19, maio/ago. 2017.

SENRA, Flávio.; DE SOUZA, Jonathan Felix. **Espiritualidad como cualidad humana y cualidad humana profunda en el pensamiento de Marià Corbí.** *Theologica Xaveriana, [S. l.]*, v. 71, 2021. DOI: 10.11144/javeriana.tx71.echchp. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/teoxaveriana/article/view/33272>. Acesso em: 16 set. 2023.

TEIXEIRA, Kleber Garcia. **A máquina e o tempo: dialética das forças produtivas e do tempo de trabalho em Marx.** 2010. 244 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2010.